

A fonte da vida

por Eesha Sardesai

Lembro-me que uma vez, cerca de um ano atrás, Gurumayi me disse que ela é uma logófila, uma amante das palavras. Eu sorri quando ela disse isso, pois havia algo ao mesmo tempo incrivelmente profundo e impossivelmente cativante no fato de meu Guru ser uma logófila. Pareceu-me a extensão mais natural de uma verdade que Gurumayi ensinou por muito tempo: que as palavras que usamos, e como as usamos, têm um impacto profundo e de longo alcance para nós e para aqueles ao nosso redor. Nossas palavras refletem quem somos. Elas moldam os mundos que criamos. Por causa de palavras, as pessoas vão à guerra. Por causa de palavras, as pessoas constroem a paz.

Foi Gurumayi quem primeiro me chamou a atenção para o quão silenciosamente extraordinária a palavra *mãe* é. Tendo usado essa palavra ao longo da minha vida, ou alguma variação dela – “mamãe”, *Aai*, na língua marati, ou qualquer apelido temporário que meu irmão e eu escolhêssemos a qualquer momento quando estávamos crescendo – eu tinha uma pequena noção de seu poder. Certamente, quando criança, tive um senso instintivo de sua utilidade. “Mãe”, “Aai”, “Mā”, “Mamãe” eram maneiras infalíveis de chamar sua atenção, ainda mais quando a voz chamando esses nomes era bastante doce e angelical. À medida que fui crescendo, aprendi mais sobre essa palavra com Gurumayi – em suas palestras e poemas, e com a sabedoria que ela me transmitiu ao longo dos anos – e comecei a compreender como havia mundos inteiros de significado e valor para ela que eu ainda tinha que explorar.

Uma coisa em particular que Gurumayi compartilhou comigo é como a palavra *mãe* é usada para descrever o que é melhor, o que é grandioso, o que é eminentemente digno de louvor e exaltação. É o superlativo por

excelência, que garante que as pessoas entendam o valor daquilo que ele é usado para descrever. A *Terra*, o planeta azul brilhante flutuando no espaço ou, de outro modo, a sujeira úmida sob os pés, torna-se a *Mãe Terra* – sábia e onisciente, sempre dando, crescendo, regenerando. *Natureza*, que poderia se referir a qualquer lugar com plantas e animais, torna-se a *Mãe Natureza*, ela que é vasta e variada, infinitamente compassiva e merecedora de nossa atenção, respeito e proteção. Qualquer coisa de primazia ou que denote nossas origens – quem somos e de onde viemos – também pode levar seu venerável nome. *Língua-mãe. Pátria-mãe.*

O poder singular da palavra *mãe* se deve em parte ao fato de ela ser inerentemente relacional. Existem muitos substantivos e adjetivos que podem ser usados para descrever alguém ou algo que é poderoso, sábio ou nutridor. O que diferencia *mãe*, no entanto, fica evidente em sua definição. A *mãe* é *aquela que é maternal*. Ela é definida por sua conexão com seus filhos. Assim que chamamos alguém ou algo de “*mãe*”, nos identificamos como seus filhos. Sinalizamos que, de alguma forma, pertencemos a ela; que somos um reflexo e resultado dela; que ela está investida em nós, e nós nela, e – em algum nível primordial – forjamos um vínculo que não pode ser quebrado.

Visto desse ângulo, faz sentido reservarmos o uso dessa palavra apenas para aqueles que mais a merecem – aqueles que nos deram vida e identidade, de uma forma ou de outra. Também podemos ser criteriosos sobre quem chamamos de “*Mãe*”, por causa de quão complexa e multifacetada pode ser a relação mãe e filho. Existem apenas certas pessoas e coisas com as quais entraríamos voluntariamente em tal relacionamento e em quem depositaríamos a confiança necessária. Recentemente, Gurumayi compartilhou comigo como ela percebeu que, em inglês, a palavra “sufocar” (*smother*) soa como “*mãe*” (*mother*). Etimológica e semanticamente, as duas palavras não estão relacionadas, mas o fato de que a palavra inglesa *smother* na verdade contém a palavra *mother* – e que essas palavras às vezes são usadas em conjunto – convida a uma

investigação mais aprofundada. Em geral, a impressão de que estamos sendo sufocados, de que nossa liberdade está de alguma forma sendo invadida por nossa mãe, decorre de uma falta de compreensão. Quando não estamos no lugar de uma mãe, pode ser difícil ver como suas ações, mesmo aquelas com as quais não concordamos, são uma expressão de seu cuidado por nós, de sua solicitude e amor.

Na Índia, há uma longa história de uso da palavra *mãe* como designação da mais alta honra. Muitos santos, por exemplo, chamam seu Guru de “Mãe”. Namdev e Eknath Maharaj – que eram, eles próprios, estimados santos-poetas de Maharashtra – chamavam Jnaneshvar Maharaj pelo nome de *Mauli*, um termo de profunda afeição em marati que significa “mãe amorosa”. Até hoje, as pessoas em Maharashtra se referem a Jnaneshvar Mauli, e devotos dos poetas-santos de Maharashtra podem ser ouvidos cantando “*Jnaneshvar mauli, jnāna-rāja mauli*” em sua peregrinação anual a Pandharpur.

Até mesmo os deuses e as divindades das escrituras indianas tradicionais receberam o nome de “Mãe”, ou são descritos numa linguagem que evoca a maternidade. Jnaneshvar Maharaj compôs *abhangas* nos quais ele mesmo se refere ao Senhor como *Aai*, ou “Mãe”. Em um deles, ele canta, *Vithāi kithāi, mājhe Krishnāi Kānhāi*, atribuindo *aai* a diferentes nomes para o Senhor Vishnu (isto é, para Vitthal, Krishna e Kanha, que é outro nome para o Senhor Krishna).

Há também o *garbha graha*, uma característica fundamental de todos os templos construídos para honrar as divindades da tradição indiana. *Garbha* em *garbha graha* tem a mesma raiz da palavra “útero” na língua sânscrita (*garbhāshaya*) e, como uma característica arquitetônica dos templos, é a área semelhante a uma alcova na qual a divindade tem sua morada e diante da qual o devoto vai para o *darshan*. O vínculo linguístico é importante, sugerindo que, assim como o útero da mãe é o espaço de onde surge a vida, também a divindade é a fonte de algo – neste caso, o mundo manifesto. No Ocidente, o termo correspondente para *garbha graha* é, em

latim, *sanctum sanctorum*, que quase parece enfatizar o ponto. *Sanctum sanctorum* é a tradução de uma frase em hebraico que se refere ao lugar mais sacrossanto do tabernáculo judaico e significa “o mais sagrado dos lugares sagrados”.

A reverência para com as mães, conforme ilustrado pela vinculação desse nome àqueles cujo impacto e influência em nossas vidas são maiores, está relacionada a uma tradição mais ampla – especialmente na Índia – de honrar a *shakti*, ou energia, feminina.

Isso se reflete, talvez acima de tudo, na linguagem. Palavras em várias línguas indianas tendem a vir na forma masculina ou feminina, dependendo do que sejam. Em geral, as palavras para aquelas coisas que são consideradas belas, poderosas, fortes ou virtuosas são gramaticalmente femininas. Em hindi, urdu e sânscrito, isso inclui palavras como *āshā*, ou esperança; *shraddhā*, ou fé; *bhakti*, ou devoção; *kshamā*, perdão; *karunā*, compaixão; *dridhatā*, determinação; *sundaratā*, beleza; *roshnī*, luz; *hansī*, risada; *muskurāhat*, sorriso; *chāndanī*, luar; *shānti*, paz; e *khushī*, felicidade. Muitas pessoas na Índia usam palavras como essas como nomes para suas amadas filhas.

A *shakti*, ou energia, feminina recebe consistentemente um lugar de destaque nos locais de adoração e também nas obras de arte religiosas e espirituais. Existem muitos templos que são dedicados especificamente às formas da Deusa – maravilhas imponentes da arquitetura, como o Templo de Meenakshi em Madurai, no estado de Tamil Nadu, que homenageia uma forma de Parvati; locais de peregrinação famosos, como o vermelho vibrante Durga Mandir, em Varanasi; ou até mesmo o templo da Deusa Vajreshwari na vila de Vajreshwari, em Maharashtra, perto de Gurudev Siddha Peeth.

Enquanto isso, um templo dedicado a uma divindade masculina sempre incluirá um santuário para a consorte dessa divindade. Algumas vezes, a

consorte ficará posicionada no mesmo santuário que a divindade principal, ao lado dele. Onde houver adoração ao Senhor Vishnu, haverá adoração a Mahalakshmi. Onde for feita homenagem ao Senhor Shiva, também deve ser prestado respeito à Deusa Parvati. O Senhor Vitthal é sempre representado com Rakhumai. É dito, na Índia, que sem a Shakti não há Shiva; sem sua contraparte feminina, os *devas*, os deuses masculinos, não estão completos. A energia feminina, incorporada em suas consortes, é essencial para que realizem sua contínua criação, sustentação e dissolução deste mundo. Sem essa energia, eles simplesmente não têm a *shakti*, a força e o poder, para realizar esse trabalho.

A impressão geral que podemos ter ao considerar como a energia feminina é descrita em tradições como as da Índia, bem como de nossas próprias perspectivas sobre o que é feminino, é que essa energia é o que faz as coisas *funcionarem* no mundo e, ao mesmo tempo, dão ao mundo uma exuberância e beleza que fazem valer a pena viver nele. Gurumayi compartilhou comigo, por exemplo, como muitas vezes se sente cativada pelo movimento curvilíneo de uma flor e suas pétalas, e que ele é tão cativante por ser uma expressão da *shakti* feminina.

A mãe, ou aquela que incorpora as qualidades de uma mãe, é em muitos aspectos o exemplo perfeito dessa *shakti*. Ela é a imagem da força para seus filhos. Sua beleza é a primeira que eles conhecerão, e suas qualidades e contornos permanecem gravados em suas consciências ao longo de suas vidas. (Mahatma Gandhi disse uma vez: “Pode ser possível dourar o ouro puro, mas quem pode tornar sua mãe ainda mais bela?”) Ela é pura de caráter, com uma pureza nascida da abnegação de suas intenções, de sua generosidade irrestrita para com aqueles sob seus cuidados. Ela é sinônimo de segurança, pertencimento, aceitação incondicional e confiança; ela é, em si mesma, um lar.

Eu aprendi com Gurumayi a desenvolver uma consciência de como as pessoas de diferentes culturas descrevem um determinado conceito ou ideia – que palavras elas usam, como essas palavras se relacionam e

diferem umas das outras, quais nuances de significado cada uma proporciona e como todas essas conotações variadas nos ajudam a chegar a uma compreensão mais plena do conceito em questão. Gurumayi muitas vezes deu destaque às palavras que as pessoas usam para se referir a suas mães. O que descobri ser notável é a semelhança da palavra *mãe* entre os idiomas. Em hindi, as pessoas dizem “Mā” ou “Mātā”. Em inglês, é “Mother”, “Mom”, “Mum”. Em espanhol, “Madre” ou “Mamá”. Em alemão, “Mutter”, “Mama”, “Mami”. Há um aspecto universal nesta palavra, visto que aparece em diferentes línguas, que parece refletir implicitamente a universalidade do papel da mãe na vida da criança. Não importa quem ela seja ou de onde venha, mãe é mãe.

No caminho de Siddha Yoga, também usamos a palavra *mãe* para descrever aquilo que é mais amado por nós. Recentemente, eu estava conversando com Swami Vasudevananda, um monge de Siddha Yoga e professor de meditação que tem servido a Gurumayi por quase 40 anos, e ele compartilhou comigo a história de como Gurumayi veio a ser conhecida como “Gurumayi”.

Era outono de 1983, e Gurumayi estava morando em Gurudev Siddha Peeth. Na época, todos se referiam a Gurumayi como “Swami Chidvilasananda” ou “Swami ji”. Swami Vasudevananda, que frequentemente era anfitrião ou palestrante durante os *satsangs* com Gurumayi, se sentia cada vez mais desconfortável em se dirigir ao Guru da mesma maneira que o fazia com um Swami – e as pessoas que ouviam também achavam desconcertante. Então Swami Vasudevananda, junto com algumas pessoas, começou a pensar em outras possibilidades de nomes para sugerir a Gurumayi para que seu título fosse distinto e tivesse o peso apropriado. Eles também buscavam um nome conciso e memorável o suficiente para ser pronunciado com facilidade. Afinal, eles eram *bhaktas*, devotos fervorosos que oravam ao Guru com frequência; quanto mais curto o nome, mais cedo os frutos de suas orações iriam aparecer. ☺

Uma tarde, Swami Vasudevananda estava participando de uma sessão de prática musical em uma das salas de *satsang*. Naquele dia, ele e seus colegas músicos estavam aprendendo um *abhang* de um santo-poeta contemporâneo de Maharashtra chamado Tukadyadas, que Baba Muktananda conhecera durante suas viagens pela Índia como *sādhaka*. O *abhang* se chamava *Āvadalī Gurumayi*.

“Gurumayi” significa “Guru-mãe” na língua marati (bem como em outras línguas da Índia, como o hindi). Também está intimamente relacionada a outra palavra que significa “aquele que é a personificação do princípio do Guru”.

No momento em que Swami Vasudevananda estava lendo essa palavra e sua tradução na folha de canto, a porta da sala de *satsang* se abriu. Lá estava Gurumayi! Ela observou por um momento a sessão de prática musical e sorriu para Swami ji antes de fechar a porta novamente.

Na manhã seguinte, Gurumayi estava sentada no pátio, e Swami Vasudevananda se aproximou para o *darshan*. Ele trazia nas mãos a lista de nomes que iria sugerir a Gurumayi.

Depois de oferecer *pranam*, Swami Vasudevananda se aproximou um pouco mais de Gurumayi. Havia muitas pessoas sentadas por perto e vindo para o *darshan*, e ele não queria que ninguém ouvisse. Ele falou baixinho e com grande humildade. “Quero compartilhar algo com você”, disse ele. “Nós não podemos continuar a chamá-la de Swami ji.”

Gurumayi olhou para Swami Vasudevananda de maneira inquisitiva.

— Sim? — ela perguntou.

— Vim preparado para lhe mostrar alguns nomes que seriam adequados para usar ao se dirigir a você — disse Swami Vasudevananda.

— Continue — disse Gurumayi.

Swami Vasudevananda olhou para o papel que trouxera com os nomes. Ele fez uma pausa. Por algum motivo, ele não conseguia ler todas as opções listadas; não teve coragem de dizê-las. Tudo o que conseguiu dizer foi: “Podemos chamá-la de Gurumayi?”

Swami Chidvilasananda fechou os olhos. Muito levemente, ela balançou de um lado para o outro. Depois de alguns momentos, ela se virou para olhar para Swami Vasudevananda. Sua expressão era terna, uma profundidade infinita em seus olhos. Suavemente, ela disse: “Sim. Podem me chamar de Gurumayi. Avise a todos.”

Gurumayi deixou o pátio logo depois. Enquanto a multidão se dispersava, Swami Vasudevananda partiu para agir de acordo com a orientação que Gurumayi lhe havia dado. A primeira pessoa com quem falou foi Dada Yande, um devoto de longa data dos Gurus de Siddha Yoga que por décadas viveu e ofereceu *seva* em Gurudev Siddha Peeth. Assim que Dada Yande ouviu o nome, ele começou a dançar e cantar bem ali no pátio: “Gurumayi! Gurumayi! Gurumayi!”

Em pouquíssimo tempo, à medida que as pessoas pegavam animadamente seus telefones fixos e ligavam para todo e qualquer devoto de Siddha Yoga que conheciam, a notícia se espalhou. Como uma constelação de luz em contínua expansão, iluminando casa após casa, vila após vila, cidade após cidade, o nome viajou pelo mundo.

A partir dali, Swami Chidvilasananda seria chamada de Gurumayi.

